

# FILOSOFIA E MÚSICA

## Uma inflexão conceitual no pensamento de Schopenhauer e a música de Brahms

Jair Barboza\*

### **Resumo:**

O artigo discorre sobre uma inflexão conceitual no pensamento de Schopenhauer acerca do sujeito, da vontade e da matéria e as implicações que isso tem para a sua metafísica da música. Tudo isso é remetido ilustrativamente à primeira sinfonia de Brahms.

**Palavras-chave:** Sujeito, Vontade, Matéria, Música.

### **Abstract:**

This article discusses a inflection in Schopenhauer's thought about subject, will and matter and the implications of this in his metaphysics of music. All this is referred illustratively to the first symphony of Brahms.

**Keywords:** Subject, will, matter, music.

## 1.

### **Sujeito, vontade e matéria no tomo I de *O mundo como vontade e como representação***

O que aqui apresento poderia também ser intitulado “notas de tradução” – ao primeiro capítulo do tomo II dos *Complementos* à obra principal de Schopenhauer (que ora traduzo). Essas notas vieram a lume porque pode-se notar, do tomo I para o tomo II de *O mundo como vontade e como representação*, uma mudança significativa em como Schopenhauer concebe a noção de matéria.<sup>1</sup> Isto faz com que a sua filosofia assuma um acento

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da UFSC.

<sup>1</sup> Na Alemanha Alfred Schmidt publicou importante estudo sobre o materialismo de Schopenhauer, intitulado *Drei Studien über Materialismus*. München: Hanser, 1977. No Brasil, estudo de envergadura sobre a noção de matéria no pensamento de Schopenhauer encontra-se na tese doutoral de Eduardo Brandão, publicada sob o título *A concepção de matéria na obra de Schopenhauer*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2009. Não é meu

materialista antes insuspeito, e que o autor, todavia, reluta em assumir com todas as letras. Não o faz porque essa postura entraria em choque com o declarado idealismo de origem kantiana defendido em sua obra mais juvenil.

Em 1844, contudo, 26 anos após a publicação da primeira edição de “O mundo...”, chega a hora do maduro Schopenhauer fazer um acerto de contas consigo mesmo e com a sua até então encalhada obra. E o faz com os referidos complementos destinados aos seus ainda pouquíssimos leitores. Ora, nesse acerto, diz, não quis manchar o seu texto juvenil, imprimindo-lhe o selo da maturidade, com o que tiraria o viço primeiro dele com ranços autocríticos. De modo que a opção foi precisamente escrever os suplementos. No fundo, pensa que não vai mudar muito da prosa e do esqueleto conceitual originários, mas apenas desenvolver teses do primeiro texto.

Porém, não é isso o que ocorre. Mudanças significativas surgem. Já na abertura dos *Complementos* assoma um filósofo cada vez mais materialista, porém como que assustado consigo mesmo, e tomado por um hercúleo trabalho de conciliar seu kantismo, ou seja, a idealidade do mundo dos fenômenos, e esse novo materialismo, isto é, uma matéria que possibilita os fenômenos não como mera forma do princípio de razão, mais precisamente a causalidade ao lado de tempo e do espaço enquanto formas puras inerentes ao cérebro, como antes exposto no tomo I, mas sim uma matéria autónoma e independente, substância absoluta, existente por si mesma, sem o concurso daquelas formas *a priori* do princípio de razão. Noutras palavras, entra em cena na sua filosofia o destaque para uma matéria independente do sujeito.

Mas, no tomo I, ao contrário, entidades absolutamente autónomas eram, de um lado, o chamado *puro sujeito do conhecimento*, e, de outro, a *Vontade* como coisa em si una e indivisa dos fenômenos, ou seja, da pluralidade sem fim dos indivíduos. No tomo I Schopenhauer mantém-se fiel à distinção entre coisa-

---

objetivo aqui deter-me exaustivamente na noção de matéria, mas apenas apontar como uma inflexão neste conceito, ocorrida do tomo I para o II da obra magna do filósofo, traz interessantes elementos para a compreensão de sua metafísica da música.

em-si e fenômeno. Onde quer que haja conhecimento, diz uma importante passagem da obra, ali há um único sujeito que conhece, “puro olho cósmico” do mundo, que mira as coisas seja a partir do olhar de um cavalo ou de um filósofo. O puro sujeito conhece sem ser no entanto conhecido – uma noção de sujeito em afinidade com a encontrada nos versos 7,26 do *Bhagavad Gita* (texto hinduísta tão admirado pelo autor, presente no *Mahabharata*), que soam: “Conheço todos os seres, Arjuna,/ os pretéritos, os presentes/ e também os futuros./ No entanto ninguém me conhece”. (*Bhagavad Gita* 2007) Já a Vontade como coisa-em-si “manifesta-se”, aparece em mundo via seus “atos originários”, as Ideias arquetípicas ou espécies da natureza, e assim surge um “espelho” para ela, justamente o mundo em face de todos os indivíduos, com seus planetas, seres vivos, galáxias etc.

Já a matéria (ou substância; imagem comum para ela: a pedra) não é autônoma, mas antes é percebida pela forma da causalidade que opera no cérebro, ao lado, como disse, do tempo e do espaço, como formas puras do princípio de razão – que reza: nada é sem uma razão, sem um fundamento pelo qual é. A realidade, pois, é minha representação, aí residindo a sua idealidade e a justificativa do idealismo como o verdadeiro ponto de partida de toda filosofia honesta. Exemplos dessa idealidade dos fenômenos, dessa dependência do que é objetivo em relação ao que é subjetivo, não faltam. **α)** A visão não se reduz às sensações exteriores na retina, pois se assim fosse, os objetos seriam percebidos de maneira invertida, já que é assim que primeiro eles chegam até a superfície do olho; mas, ao contrário, o cérebro mediante a sua forma inata da causalidade opera com os dados da sensibilidade e remete, via forma do tempo, o efeito sensorio na retina à sua origem, para ao fim chegar à origem do efeito, sua causa, posicionando-a corretamente no espaço, a outra forma inata do cérebro – desse modo tem-se, nesse trabalho de pintor do entendimento, as figuras endireitadas, e o mundo se faz mundo como a nossa visão comumente o apreende; **β)** Os dois olhos recebem cada um, separadamente, seus dados

exteriores, portanto, são duas orientações diferentes; se é assim, por que não vemos duplicadamente as coisas? Resposta: porque o cérebro desfaz a duplicação, tornando o que é duplo numa coisa só, vale dizer, percepção empírica de objetos unívocos, componentes muitas vezes de vastos panoramas; γ) Colocar a cabeça por entre as pernas não torna o mundo invertido: por quê? Porque o cérebro, com as suas formas *a priori* do tempo, do espaço e da causalidade, refaz subjetivamente, em concepção objetiva, a matéria da sensação, posicionando as coisas corretamente para a percepção. (cf. Schopenhauer 1972, pp 59-60; Barboza 2001, p. 25)

Em todos esses exemplos de intelectualidade da intuição temos a assim chamada “conclusão do entendimento”. Nota-se, pois, o aspecto transcendental da obra primeira de Schopenhauer. A própria matéria confunde-se aí com a causalidade. Eu cito: “O ser da matéria é o seu fazer-efeito. Nenhum outro ser lhe é possível nem sequer pensável.” Ou ainda: “a matéria, portanto a causalidade”.(cf. Schopenhauer 2002, pp. 49-50)

Como o mundo não passa desse fazer-efeito do sujeito que o conhece e lhe atribui objetividade, o melhor termo para definir a realidade seria “efetividade”, em alemão *Wirklichkeit*, vale dizer, um “fazer-efeito”, um *wirken* do sujeito cognoscente. Nesse contexto, Schopenhauer diz que o termo alemão *Wirklichkeit*, efetividade, é muito melhor filosoficamente para designar a realidade que o latino escrito em alemão *Realität*.

E assim o ponto de vista idealista é filosoficamente vencedor sobre sobre o ponto de vista materialista. O ponto de vista materialista, em seu desregrado amor ao inanimado, merece severas críticas, devido à pobreza das suas explicações sobre o surgimento do mundo e da vida, pois assume que o desenvolvimento da matéria levou por um acaso feliz ao surgimento do corpo animal. Mas este é tão rico e enigmático, nas consonâncias e harmonias de funcionamento entre coração, pulmão, rins, fígado etc., que é inconvincente

admiti-lo como um mero acaso na combinação de elementos da matéria. O mesmo vale para o mundo orgânico como um todo. Admitir esta evolução significaria afirmar que todas as complexas espécies da natureza surgiram por acaso. Mas a natureza não faz saltos, é a lição kantiana, e um dos grandes enigmas do cosmo é justamente a passagem do inorgânico ao orgânico. De modo que só a doutrina das Ideias de Platão, para Schopenhauer, dá conta disso. Por conseguinte, o seu idealismo, que atribui realidade aos fenômenos só como construtos cerebrais, é reforçado pelo idealismo da doutrina das Ideias da natureza. Por outros termos, cada espécie da natureza é uma Ideia que sempre existiu e continuará a existir mesmo que os exemplares individuais que a representam desapareçam da face de um planeta.

O materialismo, critica Schopenhauer, toma a lei de causalidade como fio condutor de suas investigações sobre o mundo e a vida, ignorando no início da vida e do mundo a existência do sujeito do conhecimento. Tenta assim encontrar o “primeiro e mais simples estado da matéria” para dele “desenvolver todos os outros”, ascendendo do mecanismo para as reações químicas, destas para a vegetação, até chegar no organismo animal. O último elo da cadeia seria, pois, a sensibilidade animal, o conhecimento. Conhecimento como mera modificação da matéria. Mas só que, assim procedendo, descobre ao fim o que já estava no começo, porque o último resultado, laboriosamente produzido, exatamente o conhecimento, já era pressuposto “como condição absolutamente necessária do primeiríssimo ponto de partida”. E este primeiríssimo ponto de partida é a matéria, que, diz o autor, “pensávamos figurar, mas de fato tínhamos pensado tão-somente no sujeito que a representa, no olho que a vê, na mão que a sente, no entendimento que a conhece”. (Schopenhauer 2005, p. 72)

Em termos gerais é assim que se constitui no tomo I de “O mundo...” o, por assim dizer, idealismo ortodoxo de Schopenhauer, sem concessões à independência exterior da matéria. O conhecimento, último elo da cadeia

materialista, em verdade já era pressuposto logo no primeiro elemento dela: nenhum objeto sem sujeito, nenhuma matéria sem quem a perceba, nenhum mundo sem quem o represente.

## 2.

### **Sujeito, vontade e matéria no tomo II de “O mundo...”**

Ainda tentando ser fiel ao seu idealismo de juventude, Schopenhauer intitula “Sobre o ponto de vista idealista” o capítulo 1 do tomo II aos complementos a sua obra principal (que complementa os caps. 1 a 7 do tomo I). Contudo, o que aqui vamos ver é um filósofo andando na corda bamba para fazer conviver idealismo e materialismo em seu pensamento. Mas a pergunta que não cala, secretamente, soa: como tornar-se materialista sem ao mesmo tempo cometer o parricídio contra Kant, isto é, sem abandonar a idealidade dos fenômenos e a independência do sujeito em relação à matéria? E no entanto o parricídio será cometido. Embora o materialismo seja motivo até de chacota na primeira edição, como vimos, pois não dá conta conceitualmente da noção de organismo vivo e de conhecimento, ele ganha agora cada vez mais corpo, a ponto de a matéria aproximar-se do em si do mundo, a Vontade.

O capítulo 1 dos *Complementos* a sua obra principal, portanto, é ambíguo, devido à sua dificuldade extrema, que é a de tentar conciliar o que aparentemente é impossível: de um lado, sujeito e consciência como sustentáculos autônomos do mundo, de outro lado, matéria como matriz independente do mundo que aparece. Notamos agora que a matéria deixa de ser uma função meramente cerebral, um simples *wirken*, fazer-efeito do sujeito, deixa de ser uma simples *Ursache-Wirkung*, causa-efeito do processo cerebral de conhecimento, e torna-se algo autônomo, tanto quanto o puro sujeito do conhecimento e a vontade como coisa-em-si. Com isso, o texto adquire um enorme grau de vertigem e tensão conceitual, nessa luta de dois gigantes: de um

lado o sujeito autônomo, que antes negava a existência da matéria, e de outro a matéria que reivindica com igual direito a sua autonomia, ao justapor-se metafisicamente ao sujeito e mostrar que sem ela *não pode haver substrato algum para o mundo*, ou seja, ela e o sujeito são os sustentáculo daquilo que se pode conhecer. O drama filosófico aqui esboçado será convencer o sujeito de que ele tem de dividir com a matéria o papel de protagonista no espetáculo do mundo visível e invisível, audível e inaudível. Assim, o texto em sua abertura faz o elogio ao idealismo, como seria de se esperar, em consonância com o tomo I da obra principal. Eu cito o autor:

Pois, somente após séculos a fio ter-se praticado um filosofar meramente OBJETIVO é que se descobriu que, dentre as muitas coisas que fazem o mundo tão enigmático e problemático, a primeira e mais próxima é: por mais incomensurável e massivo que ele seja, sua existência depende todavia de um único fiozinho: e este é a consciência de cada um, na qual ele repousa. Esta condição, implicada irrevogavelmente na existência do mundo, imprime neste, apesar de toda a sua realidade EMPÍRICA, o selo da IDEALIDADE e, com este, do simples FENÔMENO; com o que o mundo, pelo menos de um lado, tem de ser reconhecido como aparentado ao sonho e colocado na mesma classe deste. (Schopenhauer 1988, p. 12)

Consciência e mundo não podem ser separados. E temos como arremate dessa comparação entre mundo e sonho a declaração contundente do autor: “Por consquência, a verdadeira filosofia tem sempre de ser IDEALISTA; do contrário não é honesta.” (Schopenhauer 1988, p. 13)

A independência da matéria aparentemente não se sustenta, pois, sugere Schopenhauer, basta fazer o seguinte experimento metafísico-psicológico. Eu cito:

Façamos uma vez desaparecer do mundo todo ser que conhece e deixemos apenas a natureza inorgânica e vegetal.

Estão ali penhasco, árvore, riacho e céu azul. Sol, lua e estrelas iluminam o mundo, como antes. Porém é óbvio que em vão, pois olho algum existe ali que os veja. (Schopenhauer 1988, pp. 18-9)

Ou seja, o mundo absolutamente objetivo e material, fora da cabeça, independente e anterior ao conhecimento, presumido como se existisse anterior à consciência, não é outro senão o mundo conhecido subjetivamente, o mundo da representação, interior a esta, jamais exterior e lá fora.

Contudo, no meio do texto entra em cena a matéria em outra roupagem, ainda modesta em sua fala. Pede licença para ocupar lugar na filosofia. Em princípio, o filósofo reluta em admitir essa indesejada tão criticada no tomo I por suas insanas pretensões. No entanto, essa matéria é agora sedutora em seu discurso, e faz a seguinte aparição, provocando dúvidas no filósofo, ainda com medo de ceder ao seu canto de sereia. Eu cito a dúvida de Schopenhauer :

A matéria enquanto tal existe apenas em nossa representação ou é independente dela? Neste último caso seria a coisa-em-si, e quem admite uma matéria que existe em si, também tem de ser, de maneira consequente, um materialista, ou seja, convertê-la em princípio de explicação de todas as coisas. Quem ao contrário a nega como coisa-em-si é, *eo ipso*, idealista. (Schopenhauer 1988, p. 22)

Quer dizer, admitir uma matéria independente da representação, isto é, da consciência, do cérebro e de suas formas apriorísticas de conhecimento, significa, como os termos do próprio filósofo deixa claro, reconhecê-la como a coisa-em-si! Ora, como então Schopenhauer vai admitir uma matéria independente, como está prestes a acontecer neste cap. 1 do tomo II, sem tornar-se materialista?

Ora, se o idealismo do tomo I é legítimo, agora descobre-se que o materialismo “também tem sua legitimidade” (sic!). Pois, diz Schopenhauer, é “tão verdadeiro” que “quem conhece é um produto da matéria”, quanto é



verdadeiro que “a matéria é uma mera representação de quem conhece.” Vertigem! Schopenhauer dialético? Algo é e não é ao mesmo tempo? E o princípio de contradição?, que ele acusava os idealistas alemães de tanto terem desrespeitado? Estamos num momento da filosofia de Schopenhauer, pois, em que a “porca torce o rabo”, vale dizer, à afirmação de que “eu sou uma mera modificação da matéria”, tem de contrapor-se e tornada válida a afirmação de que “toda matéria existe meramente em minha representação”.

Em verdade é só dessas concessões à matéria autônoma, em relação à consciência, que poderemos entender temas caros à filosofia madura de Schopenhauer. Temas que independem de uma temática das filosofias da consciência, e pelos quais o autor é tão contemporâneo. Temas como o *inconsciente*, o *irracional como mau radical*, *os impulsos inconscientes sem objeto definido*, o *corpo* que tem nas forças físicas e químicas as detentoras de sua ocupação de direito, e pelo qual o ser humano é um ser para a morte, etc.

Mas, sem dúvida, estamos diante de um incômodo teórico, quase um beco sem saída, que leva o autor a complementar a frase de abertura de sua obra principal, isto é, “o mundo é minha representação”, com esta outra dos *Complementos*:

Por outro lado, o ponto de partida subjetivo e princípio originário de que o mundo é minha representação, também tem o seu inadequado (...) porque meramente exprime o ser-condicionado do objeto pelo sujeito, sem ao mesmo tempo afirmar que também o sujeito enquanto tal é condicionado pelo objeto. (Schopenhauer 1988, p. 25)

Noutros termos, uma consciência sem objeto não é consciência alguma, um sujeito sem matéria não é compreensível.

A solução encontrada é, finalmente, conceder pleno direito de cidadania filosófica a essa matéria que incarna nos objetos. Pois, de fato, assim como o sujeito antecede à realidade figurativa do mundo, a matéria, no tomo II, também antecede à realidade figurativa do mundo. Sujeito e matéria, portanto, são

reconhecidos como compondo as duas pilastras do mundo como representação. E, para além do mudo como representação, fica o em si, a Vontade cósmica, imemorial, imaterial, irracional e inconsciente.

Contudo, a matéria, *como a Vontade, isto é, a coisa-em-si mesma*:

- a) “não é dada em experiência alguma, mas é pressuposta em toda ela”;
- b) é “eternamente imperecível”;
- c) “não é propriamente extensa” (isto é, não é espacial).

Para não igualar absolutamente matéria e Vontade, o que transformaria em definitivo a matéria na coisa-em-si, Schopenhauer concebe a matéria como o pólo oposto do sujeito, e ambos, sujeito e matéria, como pólos da representação, isto é, sustentáculos do mundo. Eu cito:

Pode-se por conseguinte considerar a permanência da matéria como o reflexo da intemporalidade do puro sujeito tomado absolutamente como condição de todo objeto. Ambos pertencem àquilo que aparece, não à coisa-em-si: são o esqueleto do que aparece. Os dois são descobertos apenas por abstração, não são dados imediatamente de modo puro e por si mesmos. (SCHOPENHAUER 1988, p. 26)

Para concluir estas teóricas notas de tradução concernentes à inflexão conceitual no pensamento de Schopenhauer acerca do sujeito, da Vontade e da matéria, cabe citar o fechamento literário do próprio cap. 1 do tomo II, que tenta solucionar literariamente o problema de um autor relutante em tornar-se materialista. No último minuto tenta salvar-se literariamente do fatídico canto da sereia, numa espécie de exorcismo místico, fazendo sujeito e matéria ganharem consciência e dialogarem, num dos momentos que eu considero dos mais estranhos da filosofia de Schopenhauer.

O SUJEITO – Eu sou, e fora de mim nada existe. Pois o mundo é minha representação.

A MATÉRIA – Que arrogância néscia! Eu, eu sou, e fora de mim nada existe. Pois o mundo é minha forma transitória. Tu és um simples resultado de uma parte dessa forma e és totalmente contingente.

O SUJEITO – Que disparate! Nem tu nem tua forma existiram sem MIM: vós sois condicionados por mim. Quem me abstrai, e ainda assim acredita poder pensar-vos, enreda-se numa grande ilusão: pois vossa existência fora de minha representação é uma contradição flagrante, um sideroxylon<sup>2</sup>. VOSSO SER significa unicamente que sois representados por mim. Minha representação é o lugar de vossa existência: por conseguinte, eu sou a primeira condição da mesma.

A MATÉRIA – Felizmente a presunção da tua assertiva logo será contradita de uma maneira real e não por meras palavras. Mais alguns instantes e... tu de fato não existirás mais, estarás naufragada no nada com todo o teu palavrório, terás, como uma sombra, desaparecido e sofrido a fatalidade de cada uma de minhas formas transitórias. Eu, entretanto, permaneço, sem feridas e conservada, de milênio em milênio, pelo tempo infinito, e assisto inabalável ao jogo de mudança de minhas formas.

O SUJEITO – Esse tempo infinito de que te gabas viver, existe, como o espaço infinito que tu preenches, meramente em minha representação, sim, é simples forma de minha representação, que trago pronta em mim, na qual tu te expões, que te acolhe e pela qual tu unicamente existes. A aniquilação entretanto, com a qual me ameaças, não atinge a MIM; do contrário serias aniquilada COMIGO: antes, ela atinge apenas o indivíduo, que por curto espaço de tempo é meu sustentáculo e é por mim representado, como tudo o mais.

A MATÉRIA – Mesmo que eu te conceda isso e resolva considerar a tua existência, que em realidade está ligada inseparavelmente a esses indivíduos

---

<sup>2</sup> “Ferro-madeira”, neologismo a partir de duas palavras gregas para indicar uma contradição nos termos. (NT)

transitórios, como algo que persiste por si mesmo, ainda assim a mesma permanece dependente da minha. Pois tu és sujeito só na medida em que tens um objeto: e este objeto sou eu. Eu sou o núcleo deste e o seu conteúdo, o permanente nele, o que lhe dá unidade e coesão, sem o que ele seria tão inconsistente e desapareceria tão vaporosamente como os sonhos e fantasias de teus indivíduos, ainda que eles mesmos tenham haurido de mim o seu conteúdo aparente.

O SUJEITO – Fazes bem em não queres disputar sobre a minha existência, por conta de ela estar ligada a indivíduos: pois tão inseparavelmente quanto eu estou imbricado a estes, estás tu e tua irmã, a forma, e jamais terias aparecido sem ela. Tanto tu quanto eu, despojados e isolados, nunca fomos vistos por olhos alguns: pois ambos não passamos de abstrações. Há no fundo UM ser que se intui a si mesmo e é por si mesmo intuído, mas cujo ser em si não consiste no intuir nem no vir-a-ser-intuído, já que isto é repartido entre nós.

AMBOS – Desse modo, então, estamos inseparavelmente atados como partes necessárias de um todo, que nos abrange, e mediante nós subsiste. Somente um mal entendido pode nos contrapor como inimigos e assim induzir-nos um a combater a existência do outro, com a qual cada um mantém a sua e a perde.

Esse todo que abrange a ambos é o mundo como representação, ou o fenômeno. Feita a sua exclusão permanece apenas o puramente metafísico, a coisa em si, que reconheceremos no segundo livro como a Vontade.

Esta última intervenção é de Schopenhauer e lembra Machado de Assis, ou seja, o autor interrompe uma narrativa em momento de clímax, nela intervém, e dirige-se diretamente “à leitora”.

### 3.

#### A música ou Brahms

Schopenhauer tem uma interessante metafísica da música desenvolvida no terceiro livro do tomo I de sua obra magna, e depois complementada pelo capítulo “Metafísica da música” do tomo II. Salta ali aos olhos a comparação feita entre música e mundo. A música, como arte suprema, paira acima de todas as demais, pois é a “linguagem direta da coisa-em-si”. Haveria uma analogia direta entre música e mundo, que vai dos sons graves até os agudos, de forma que o baixo é, na harmonia, o que no mundo é a natureza inorgânica, e equivale à massa planetária sobre a qual tudo se assenta e a partir da qual tudo se eleva e desenvolve; já o conjunto das vozes intermediárias, prossegue o filósofo, que produzem a harmonia e se situam entre o baixo contínuo e a voz condutora que canta a melodia, pode-se reconhecer a sequência de Ideias nas quais a Vontade se objetiva, ou seja, a sua visibilidade: neste sentido, as vozes mais próximas ao baixo correspondem aos corpos inorgânicos, as vozes mais elevadas correspondem aos reinos vegetal e animal.

Os *intervalos determinados* da escala tonal são paralelos aos graus determinados de objetivação da Vontade, às espécies determinadas da natureza. O *desvio* da correção aritmética dos intervalos mediante um temperamento qualquer é análogo ao desvio do indivíduo do tipo da espécie. As *dissonâncias impuras* que não formam nenhum intervalo determinado são comparáveis às formações estranhas da natureza, situados entre duas espécies animais.

Detendo-se na melodia, Schopenhauer identifica na voz principal elevada, que canta e conduz o todo em progresso livre e irrestrito, em conexão significativa e ininterrupta de UM pensamento do começo ao fim, o grau mais elevado de objetivação da Vontade, ou seja, a vida do ser humano com esforço e clareza de consciência, pois apenas o ser humano, na medida em que é dotado da faculdade de razão, vê possibilidades incontáveis adiante ou retrospectivamente no caminho de sua vida, e, assim, traz a bom termo um decurso de vida claro tomado como um todo concatenado. Correspondendo a isso, somente a melodia

tem conexão intencional e plenamente significativa do começo ao fim. Ela narra, por consequência, a história da Vontade iluminada pela clareza de consciência. Porém, a melodia diz mais: narra a história mais secreta da Vontade, pinta cada agitação, cada esforço, cada movimento seu, tudo o que a razão resume sob o vasto e negativo conceito de sentimento. Por isso, conclui o filósofo, diz-se que a música é a linguagem do sentimento e da paixão, assim como as palavras são a linguagem da razão.

Ora, no meu entendimento, depois da aproximação constatada mais atrás entre a matéria e o puro sujeito do conhecimento, a partir do capítulo 1 dos *Complementos*, e, mais ainda, a partir da constante aproximação que podemos detectar entre a matéria e a coisa-em-si – eu diria que essa metafísica da música tem também de ser reinterpretada. E em que termos? Resposta: *guardando paralelo com aquele som que mais se aproxima da coisa-em-si confundida com a matéria*, ou seja, o elemento de coesão e identidade da música não é a voz principal e aguda, mas o *baixo fundamental*. O baixo é a tradução mais perfeita do querer, não as vozes. Pois aquele fundo grave, abafado, obscuro da massa planetária é o próprio obscuro da matéria, em cima do qual surge a luz da razão bem como toda forma de vida que se desenvolve em todas as eras. A matéria é o correlato necessário e indissolúvel do mundo visível, do mundo como representação, e o possibilita, pois sem matéria nada de visibilidade da Vontade.

Ora, em assim sendo, se esta interpretação é aceitável, então pode-se concluir que na audição musical, se quisermos nos aproximar do sentido da metafísica da música de Schopenhauer, temos de prestar máxima atenção a como o baixo, o som grave, dá sustentação à composição musical. Retomando uma perdida passagem do tomo I, escondida e tímida em meio à sua *Metafísica da natureza* (segundo livro), pode-se reafirmar que, só com as vozes soltas e o baixo que se move gravemente, do qual procede a harmonia, é que se atinge necessariamente a **plenitude da música**. (cf Schopenhauer 2005, p. 219)

O grave deve então destacar-se na sua imponência precisa, fazendo de si emanar a vida na música, identificada amiúde na voz, como no mundo a vida emana da Vontade através da matéria. Neste sentido é que tenho em mente a música de Brahms, que concede destaque ímpar ao grave, em especial nas enigmáticas e sombrias aberturas dos primeiro e quarto movimentos da Sinfonia Nr. 1, dominados por tímpanos. Aí se tem, se formos interpretar com os termos de Schopenhauer, a atividade produtiva da Vontade e da matéria expressas nos tímpanos e nos graves (que fazem a base da música) sobre a qual apóia-se a série dos seres inorgânicos e orgânicos. A Vontade, para o filósofo, não é um ser, mas atividade, *Tätigkeit*, e a matéria reflete esta índole, pois é definida como fazer-efeito, *wirken*. E isso, me parece, em termos de Schopenhauer, ouvimos sombria e obscuramente nesses inícios de movimentos de Brahms, nos graves, depois (sobre) dos quais irrompe a luz da vida e a melodia ascende sobre os graves.

## BIBLIOGRAFIA

BHAGAVAD GITA. **Der Gesang des Erhabenen**. Trad. do sânscrito para o alemão de Michael von Brück. Frankfurt/Leipzig: Verlag der Weltreligionen, 2007.

BARBOZA, J. **A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer**. São Paulo: Humanitas, 2001.

SCHOPENHAUER. “Über die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde”. In: **Sämtliche Werke (I)**. Edição de Arthur Hübscher. Wiesbaden: F.A.Brockhaus, 1972.

----- . **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Edunesp, 2005.

----- . **Werke in Fünf Bänden (II)**. Edição de Ludger Lütkehaus. Zürich: Haffmans, 1988.